

## **MONGLAVE E O INSTITUTO HISTÓRICO DE PARIS**

*MARIA ALICE DE OLIVEIRA FARIA*

Quase nada tem sido escrito até hoje sobre o francês Eugène Garay de Monglave, o qual, entretanto, representou papel importante de intermediário entre os nossos românticos da primeira geração e a França. O sr. Otávio Tarquínio de Sousa publicou na revista *Cultura*, do Ministério da Educação (1949, n.º 3), um estudo sobre Monglave, — “Um brasileiro adotivo” — tomando como ponto de partida uma carta inédita daquele, dirigida a D. Pedro I e datada de Paris, 22 de outubro de 1828 (1). É este mesmo estudo que aparece resumido na *Fôlha da Manhã* de 8 de março de 1953, São Paulo, com o título “O francês Monglave”.

No citado estudo, O. Tarquínio de Sousa, ainda que dispusesse de poucos dados sobre a vida de Monglave, resume os aspectos essenciais dessa personalidade: seu espírito aventureiro — “um imaginativo” — a simpatia pelo Brasil e o entusiasmo pelos Braganças.

Assim foi Eugène Garay de Monglave, uma personalidade complexa: aventureiro e generoso, voluntarioso, combativo, autoritário, mas ao mesmo tempo tenaz, capaz de uma dedicação sem limites, de um entusiasmo ardente pelas causas que defendeu, pelos homens que admirou. Escritor de segunda categoria, seja, mas dotado de um estilo mordaz, de panfletário violento; inteligência viva, era capaz de interessar-se por assuntos variados e discuti-los com propriedade. Hábil, igualmente, para descobrir os assuntos do momento e adotá-los, escolhendo sempre uma posição de combate.

---

(1) Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, M. S. n.º 3.718; informação colhida no trabalho citado do sr. Otávio Tarquínio de Sousa.

Pertenceu à geração dos "enfants du siècle", a mais fecunda, porém a mais atingida das gerações de Napoleão (2). Quando chegaram à mocidade, seu ídolo estava vencido e desterrado, e seus admiradores eram perseguidos. "Herdeiros de uma energia — energia que seus pais empregaram na ação" (3), estes jovens vêem-se súbitamente amputados de seu futuro. Na carta a D. Pedro I, Monglave fala de sua adolescência, que foi a de tantos outros: "Lançado quase ao sair do berço naqueles liceus de Napoleão que foram sem dúvida o viveiro a que a França deveu tantos heróis, eu marchei na tenra idade de 15 anos com estes velhos guerreiros que tinham banhado com seu sangue a Península e, a seu exemplo, eu disputei a pé firme a França a um inimigo irritado justamente de nossas vitórias; mas aí de mim! esta carreira teve curta duração" (4).

Escritas em 1828, estas linhas se ajustam às que Musset nos deixou, no Capítulo I de sua *Confession d'un enfant du siècle* (1836), livro justamente famoso por exprimir o estado de espírito de parte importante de uma geração: "Pendant les guerres de l'Empire, tandis que les maris et les frères étaient en Allemagne, les mères inquiètes avaient mis au monde une génération ardente, pâle, nerveuse. Conçus entre deux batailles, élevés dans les collèges au roulement des tambours, des milliers d'enfants se regardaient entre eux d'un oeil sombre, en essayant leurs muscles chétifs (...) (Depois da queda de Napoleão)... "alors s'assit sur un monde en ruines une jeunesse soucieuse. Tous ces enfants étaient des gouttes d'un sang brûlant qui avait inondé la terre: ils étaient nés au sein de la guerre, pour la guerre. Ils avaient rêvé pendant quinze ans des neiges de Moscou et du soleil des Pyramides (...). Ils avaient dans la tête tout un monde; ils regardaient la terre, le ciel, les rues et les chemins; tout cela était vide et les cloches de leurs paroisses résonnaient seuls dans le lointain. (...) Voilà dans quel chaos il fallut choisir alors; voilà ce qui se présentait à des enfants pleins de force et d'audace, fils de l'Empire et petit-fils de la Révolution (5).

(2) Monglave nasceu em Bayonne em 5 de março de 1796. Acreditamos que a proximidade da Espanha já o tenha predisposto a aprender as línguas da Península Ibérica, como acontece ainda hoje aos franceses do sudoeste.

(3) A. Thibaudet, *Histoire de la littérature française*, Paris, Stock, 1952, p. 106.

(4) O. Tarquínio de Sousa, *op. cit.*, p. 113.

(5) Alfred de Musset, *Oeuvres complètes en prose*, Bibliothèque de la Pléiade, NRF, 1951, pp. 81, 83 e 85. Outros testemunhos do mesmo espírito desta geração são facilmente encontráveis. Citamos o de um autor secundário, Guéneau de Mussy, citado por Charles Bruneau na sua *Histoire de la langue française, l'époque romantique*, Armand Colin, 1948, p. 106: «Les enfants de cette génération nouvelle portent sur le front la dureté des temps où ils sont nés. Leur démarche est hardie, leur langage superbe et dédaigneux: la vieillesse est déconcertée à leur aspect...; tout leur a manqué: l'instruction, les remontrances, les bons exemples et ces douceurs de la

Pouco inclinado a deixar-se invadir pelo "mal du siècle" — note-se que a tragicidade que Musset empresta à situação está ausente da vida de Monglave — este prefere, inicialmente, a evasão pela aventura. Dentro do espírito de sua época, escolhe como Chateaubriand o exotismo vivido, como canal para sua energia. Em 1819, está em Portugal, onde participa das lutas pelo regime constitucional. Em 1820, vem ao Brasil (6), viajando pelo interior (provavelmente S. Paulo e Minas) e pelo Nordeste. Demora-se no Rio Grande do Norte, onde toma parte nos conciliábulos locais pela nossa independência. Logo mais, porém, atacado de febres, é obrigado a deixar o Brasil, não sem ter sido literalmente conquistado por êle. A tal ponto, que o Brasil fica-lhe como uma terra de promessa e de repouso, onde "tinha como certo vir morrer", abrindo a sepultura nos "bosques do catete" ou "nas margens de Niterói" (7), onde os netos brincaríam felizes. Em pouco tempo aprendera a nossa língua com relativa perfeição e defende a causa de nossa independência e em particular tôdas as causas de D. Pedro I: "Durante o tempo em que permaneceu no Brasil", escreve o sr. Tarquínio de Sousa, "foi um observador curioso e atento, que procurou documentar-se, ver os homens e os acontecimentos com simpatia, compreendê-los e explicá-los" (8). Por outro lado, procura em nosso sertão aquêlê ideal do homem selvagem, tão desenvolvido no século XVIII, e a poesia das terras virgens. Por isso mesmo, decepçiona-se com o Rio de Janeiro que achou "muito civilizado". "No fundo buscava o mistério da selva, a mata virgem, a vida primitiva, a América lendária, a bondade do homem natural" (9).

---

maison paternelle... génération vraiment nouvelle, et qui sera toujours distincte et marquée d'un caractère singulier». Bem inferior às páginas de Musset quanto ao estilo, êste trecho entretanto indica com brevidade a origem dos principais aspectos da personalidade de Monglave.

(6) Há desacôrdo entre biógrafos e escritores que se ocuparam de Monglave, no que toca à data de sua vinda ao Brasil. O Dictionnaire Universel Larousse, du XIXe siècle, T. 11, diz o seguinte: «En 1814, il alla prendre du service au Brésil dans l'armée de dom Pedro, puis se rendit en Portugal (1819), où il se prononça pour le régime constitutionnel». O sr. Paul Deslandres, no artigo citado, escreve que foi «d'abord officier d'état-major et directeur de l'Instruction publique au Brésil, où il avait conservé beaucoup de relations utiles, il était revenu avec dom Pedro en Portugal pour rétablir contre don Miguel le régime constitutionnel.»

Esta informação deve ter sido baseada no Dicionário Quérard, e é contestada por Tarquínio de Sousa. Examinando-se suas atividades no Brasil, o mais provável é que tenha estado entre os brasileiros de 1820 a 1823, como sugere o prof. Antonio Candido em sua Formação da Literatura Brasileira, depois de ter passado por Portugal.

(7) Carta de Monglave a D. Pedro I, citada por O. Tarquínio de Sousa, op. cit., p. 110.

(8) O. Tarquínio de Sousa, op. cit., p. 117.

(9) Id. *ibid.*, p. 114.

Em 1823, pois, está em Paris, integrado na oposição liberal e anti-romântica. Desenvolve intensa atividade jornalística, escrevendo sob pseudônimo em diversos jornais, como *La Minerve*, *La Renomé*, *La Lorgnette*, *Le Miroir* e funda um jornal satírico, *Le Diable Boiteux*, que alcança certa notoriedade e que, em literatura, "rit du 'moderne Phébus':

Hugo, Soumet et Lamartine  
 Ont proscrit la Muse badine,  
 Et fidèles au même plan,  
 Meurent en vers quatre fois l'an." (10)

Inicia-se um período agitado, quando seu espírito panfletário ataca a aristocracia, a Academia Francesa, os Pares de França, o próprio Luís XVIII, satirizando a vida pública e particular de personalidades em evidência, através de folhetos atrevidos. *Le Faubourg Saint-Germain et le Faubourg Saint-Antoine* (1824); *Épître à M. Casimir Delavigne, sur les choix académiques* (1824); *Biographie pittoresque des pairs de France* (1826); *Biographie pittoresque des quarante de l'Académie Française, par le portier de la maison* (1826). Traduziu, com as mesmas intenções, um romance alemão de Kotzebue, *Octavie* (1825), ao qual acrescentou o título de *La Maîtresse d'un Prince*, porque este romance narrava uma situação muito semelhante à da favorita do Rei, Madame du Cayla. E, algumas destas obras valeram-lhe multas, interdição e prisões.

A revolução de 1830, levando a burguesia liberal ao poder, tira a Monglave seu campo de combate, pois a oposição agora é feita por republicanos e socialistas, ideologias que não o tentavam. Por outro lado, parece não se adaptar a um trabalho de funcionário, que exerce de 1830 a 1832. Tenta, neste mesmo período, ressuscitar seu jornal satírico *Le Diable Boiteux*, mas a oportunidade de uma nova aventura surge na pessoa de D. Pedro I, que, depois da abdicação, está em Paris reunindo fundos para iniciar sua luta contra D. Miguel. Apresenta-se ao ex-Imperador como encarregado de entregar alguns milhões, oferecidos por um anônimo. As ligações com o Brasil não tinham sido interrompidas e mesmo se haviam intensificado na década de vinte. Traduzira em 1825 a *Marília de Dirceu* e em 1829 o *Caramuru* (em colaboração com Pierre Chalas). E, em 1827, editava a *Correspondance de D. Pedro Premier, Empereur du Brésil, avec le feu Roi du Portugal, Don Jean VI, son père, durant les troubles du Brésil traduites sur les lettres originales, précédée de la vie de cet Empereur et suivie de pièces justificatives.* D. Pedro I, porém, a despeito da dedicação de Monglave, parece não o ter levado a sério. "Bem se percebe, escreve o

(10) Pierre Moreau, *Le Romantisme*, Paris, del Duca, 1957, p. 73.

sr. O. Tarquínio de Sousa, que éle não acreditou nos fabulosos milhões com que lhe acenava o missivista. Não que se tratasse de um embusteiro, ou mentiroso vulgar, mas estaria à cata de um papel na aventura a que se ia lançar o ex-Imperador do Brasil" (11).

Limitado no campo da aventura política, tanto na França como fora dela, o espírito irrequieto de Monglave vai procurar na história um novo tipo de aventura. Sabe-se que as incursões no passado representaram para os românticos uma forma de evasão. Monglave não entrava nesse campo totalmente desprevenido, pois já começara a se dedicar à história durante seu período de jornalista, publicando traduções e obras: Em 1825 a *Histoire résumée des Etats Unis*, em 1826 o *Résumé de l'Histoire du Mexique*, em 1833, em dois volumes, a *História da Suíça, da Espanha e de Paris* (traduções). *Le Siège*, obras de Cadix (1823), *Histoire des conspirations des jésuites en France* (1826).

Mais uma vez Monglave liga-se a uma corrente de seu tempo e funda, não sem dificuldades, a primeira sociedade de estudos históricos, dentro das concepções românticas — o Instituto Histórico de Paris —. E este é a origem de uma das mais conceituadas agremiações eruditas do fim do século XIX e do século XX, a *Société des Etudes Historiques*, praticamente extinta com a segunda guerra mundial.

Decidido a levar a cabo sua idéa, Monglave empenha-se durante mais de seis meses para reunir sócios e obter um presidente. Só vem a conseguir isto após seu encontro com Joseph Michaud, que, já consagrado como o Historiador das Cruzadas e coordenador da *Biografia Universal*, membro da Academia, aceita ser seu presidente. "Nous fonderons", teria dito Michaud, "non pas une académie d'histoire, mais une ruche d'ouvriers laborieux, intelligents, désintéressés" (12).

Em abril de 1834, abre-se o Instituto Histórico em sessão inaugural e contará, nos primeiros tempos, com a presença de grandes nomes do mundo intelectual, tanto da literatura e artes, como da história e das ciências. Comparecem, entre outros, Lamartine, Michelet, Chateaubriand, Nepomucène Lemercier, os irmãos Thierry, Barante, Sénancour, Boucher de Perthes, Saint-Hilaire, Ingres, Cherubini, Du Sommerard e muitos outros.

Eleito secretário-perpétuo, Monglave é o grande animador do Instituto. Escreve seus estatutos, tem plenos poderes para admitir novos membros, dirige todos os trabalhos, comparece à reunião de todas as classes, integra a maioria das comissões, participa de todas as discussões. Vêmo-lo sucessivamente opinar sobre as causas das lutas entre Brancos e Negros, em

(11) O. Tarquínio de Sousa, op. cit., p. 120.

(12) Mathieu de Villenave, *Notice Historique sur Joseph Michaud*, Paris, 1840, p. 21.

Florença (1834); ler uma memória, de sua autoria, sobre a geografia, o governo, as leis dos Bascos, antigos e modernos (1834); traduzir, com outros colegas, poemas ingleses, a serem editados em vasta coleção, "Bibliothèque Anglo-française", em 30 a 33 volumes; tratar do "estabelecimento do valor dos documentos relativos à história da América antes da conquista dos europeus" (1835); testemunhar sobre as explorações de um senhor Roussin, que percorreu as costas do Brasil, corrigindo erros em mapas da América do Sul (1839) etc.

Faz no Instituto Histórico, como dizem os franceses, "la pluie et le beau temps". Propõe à Sociedade objetivos sérios e amplos, pretensiosos mesmo e também bastante confusos: "Nous appellerons à nous tous les hommes qui appartiennent à une des nuances de notre spécialité. Nous contractons avec eux, au dedans, au de hors, une alliance directe de corps à corps, d'homme utile à homme utile; nous respectons toutes les convenances de position, et nous présenterons le rare phénomène d'une société qui, sans acception de parti, d'école ou de système, confond dans nos buts d'utilité le savoir et le zèle d'hommes appartenant à toutes les opinions connues. Le principe d'où nous partons pour arriver à cette fusion, c'est l'échange, entre tous, des avantages des travaux de chacun, et la communauté de toutes les recherches de tous les faits, de toutes les vérités utiles, pour évaluer et les reprendre, de concert, dans toutes les classes de la société, dans tous les pays du globe. Cette pensée est la seule qui préside à la création de notre Institut: sa tendance sera toute pacifique, toute de bien individuel et général" (13).

Na verdade, os societários, com Monglave à frente, pretenderam abraçar um campo demasiado vasto, subdividindo-se em classes que estudariam a história de todas as ciências, de todas as artes, de todas as línguas e literaturas... sem estar para isso devidamente especializados. A impressão que se tem ao ler-se a revista do Instituto Histórico, nos seus primórdios, é de dispersão e, em grande parte, de improvisação.

Logo mais, porém, o Instituto deve enfrentar uma série de dificuldades, principalmente econômicas, e só consegue se manter graças à tenacidade vigorosa de Monglave e à sua inteira dedicação à Sociedade. Por outro lado, os nomes maiores abandonam pouco a pouco as reuniões. Paul Deslandres, num seu trabalho *Les débuts de l'Institut Historique*, não considera "téméraire de penser que la personnalité un peu encombrante de Eugène de Monglave ait pu écarter de l'Institut Historique des hommes de premier plan" (14). O Instituto anima-se, mas com a presença de escri-

(13) Biblioteca do Arsenal, Paris, manuscrito 9185, p. 4.

(14) Paul Deslandres, *Les débuts de l'Institut Historique*, Revue des Etudes Historiques, 1922, p. 323.

tores secundários, muitos dêles verdadeiros aventureiros das letras, políticos sem formação erudita, diletantes ou espíritos conformados dentro de um tradicionalismo cultural que em nada ajudava à projeção da Agremiação. Os escritores mais notáveis, allás, nunca foram estimados no Instituto. Tanto Lamartine, como Chateaubriand ou Michelet, quando votados, classificavam-se nos últimos lugares em eleições para a presidência de classes ou da Instituição.

Além disso, bem cedo os membros ressentem-se da ditadura imposta por Monglave e a reação não tarda. Conforme disse Paul Deslandres, "l'Institut Historique n'était pas une république, mais une monarchie absolue: enfin on secoua le joug" (15). Nas atas inéditas do Conselho do Instituto, registram-se as vozes coléricas que se levantam para acusar o secretário-perpétuo de desviar fundos da Sociedade, de excesso de autoritarismo, do açambarcamento de tôdas as funções, de despesas pessoais muito grandes, de falência enfim, levando com o seu, o nome do Instituto. Por outro lado, o próprio caráter de Monglave não podia ajudá-lo. De fato, o tom usado por êle, como se pode depreender das atas, é autoritário; a maneira de interferir nas discussões com auto-suficiência não capta simpatia. Observa com justeza Paul Deslandres que "les procédés qui sont peut-être nécessaires vis-à-vis d'une tourbulente jeunesse, ne conviennent pas à une société savante" (16). Ressurgia em Monglave aspectos de sua formação de adolescente do Império.

Ele próprio apresenta, de uma feita, os originais de certos "Cantos de Altabiscar", hino dos vencedores de Rolland, que êle teria encontrado nos Pirineus e que se prova serem falsificações...

Entretanto, o espírito polêmico não o abandona. Acusado de falência, por inimigos desabusados, quando se encontrava fora de Paris, Monglave volta às pressas à capital para defender-se em pessoa: "Il est venu de campagne pour empêcher l'Institut Historique de commettre une grande injustice", diz a ata da sessão de 14 de outubro de 1836 (17). O Conselho divide-se, a favor e contra Monglave, mas seu talento de polemista coloca-o nitidamente acima dos inimigos, nessas discussões de caráter pessoal, como se pode constatar pelas atas manuscritas. Em 1839, levanta-se nova questão, quando é acusado de desviar a soma de 280 francos da sociedade (soma aliás irrisória, sobretudo se considerarmos que Monglave por essa época já adiantara 10.600 francos à Sociedade, de seus próprios bens). Defendendo-se, Monglave entrega a soma reclamada e pede sua demissão, mas é

---

(15) Biblioteca do Arsenal, Paris, manuscrito 9185, p. 4.

(16) V. nota 14.

(17) V. nota 15.

reconduzido ao cargo. Finalmente, em junho de 1846, seus inimigos têm a melhor e Monglave, já ocupado em outros setores, abandona o Instituto Histórico, que o esquece completamente a ponto de não lhe dedicar um necrológio por ocasião de sua morte, quando tantos e tantos medíocres mereceram elogios dos mais imerecidos!

\* \* \*

É, pois, enquanto secretário-perpétuo do Instituto Histórico, que Monglave intensifica suas relações com os brasileiros. Não foi apenas quando da fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e ao se fazer sócio da nossa agremiação, que êle se comunica com o Brasil, conforme escreve o sr. O. Tarquínio de Sousa. Monglave abriu a porta do Instituto Histórico para os brasileiros, recebendo-os, orientando-os, dando-lhes oportunidade de participar dos trabalhos, dos Congressos Históricos, que o Instituto organizava anualmente em Paris. Comenta livros brasileiros e livros sobre o Brasil, como é o caso da *Viagem histórica e pitoresca ao Brasil*, de J. B. Debret, que também pertencia ao Instituto. Corrige casos de obras incompletas ou com dados errados, como a *História do Brasil*, de D. B. Warden, onde Monglave "tout en rendant un sincère hommage à l'érudition consciencieuse de M. Warden, relève un certain nombre d'erreurs qui ne sauraient être imputées qu'aux sources où l'auteur a puisé" (18). Acolhe os jovens escritores da primeira geração romântica, que encontram no Instituto uma tribuna para divulgar suas idéias novas e a nossa arte, literatura e história. O segundo trabalho lido na sociedade recém-fundada é a história das ciências no Brasil, de Tôrres Homem, traduzida e lida por Monglave na sessão da segunda classe (Ciências sociais e políticas), de 1.º de julho de 1834. Nas sessões subsequentes seguem os outros trabalhos já muito citados, de Magalhães e Porto-Alegre, sobre a literatura e as artes no Brasil.

Quanto à revista *Niterói*, os elogios insistentes que lhe prodiga, dá-nos a impressão de que se sentia seu padrinho. Chama-a de "revista gloriosamente efêmera" (19), faz-lhe a resenha, em 8 de junho de 1836, na sessão de *História das Literaturas*. Em 1841, ainda, ao ler a última resenha sobre o livro de Debret, afirma que o autor "emprunte à la Revue Brésilienne, recueil qui vit le jour à Paris, et dont on a regretté la disparition soudaine, un article piquant (sic) du même M. Araújo, sur la musique de sa patrie. Enfin, il daigne emprunter à moi-même et au journal de l'Institut Historique, un examen de cette revue glorieusement éphémère, examen dont le seul mérite est d'être consciencieux" (20).

(18) *L' Investigateur*, Journal de l'Institut Historique, t. IX, p. 209.

(19 e 20) *idem*, t. VII, p. 233.

Traduz e lê cartas de brasileiros, escreve necrológios elogiosos a membros brasileiros falecidos, como Evaristo da Veiga e Francisco Bernardino Ribeiro. A fundação do Instituto Histórico e Geográfico, que tomou como modelo o Instituto Histórico de Paris, é recebida com grandes mostras de deferência pela sociedade e Monglave se encarrega de divulgar a notícia, não poupando adjetivos, traduzindo os estatutos, o discurso de Januário, na fundação. Em cada relatório anual das atividades da Agradiação, esta filiação é carinhosamente lembrada.

Inscribe-se nos cursos públicos, organizados pelo Instituto Histórico, para falar sobre Literatura portuguesa e brasileira (1839). E esses devem ser os cursos sobre nossa literatura, feitos por Monglave no Instituto Histórico de Paris e não na Sorbonne, como afirma Pôrto-Alegre na *Minerva Brasileira*.

No Congresso de 1846, comenta e discute uma das teses apresentadas pelo brasileiro Antônio de Meneses Vasconcelos de Drumond. Nessa ocasião comunica dados curiosos sobre interrogatórios de negros, feitos no Rio de Janeiro por José Bonifácio, sobre a origem e os costumes desses escravos e ao qual Monglave teria assistido pessoalmente, quando de sua estada no Brasil.

Onde, porém, aparece certamente a presença de Monglave, são nas referências a D. Pedro II. A despeito da recusa de D. Pedro I, por ocasião da misteriosa doação dos milhões para a campanha de D. Maria da Glória — o ex-Imperador não tendo nem mesmo recebido Monglave — parece que isto não diminuiu a estima deste pelos representantes da casa de Orléans.

A admissão de nosso Imperador como Membro Protetor (1842), entre cinco soberanos, só poderá ter sido sugerida por Monglave (e sabemos o quanto pesavam as sugestões do fundador do Instituto Histórico...). Numerosas cartas são trocadas na ocasião e as cartas brasileiras são traduzidas, lidas em sessões do Instituto e publicadas na Revista. Os termos usados pelo Instituto Histórico são muito lisonjeiros, afetados até, e, numa possível reciprocidade de elogios, o Imperial Colégio Pedro II, de nível secundário, é promovido a Universidade... (assim como os cursos públicos de Monglave no Instituto são transferidos generosamente por Pôrto-Alegre para a Sorbonne — noblesse oblige). Num dos seus relatórios (1845) Monglave refere-se nestes termos aos nossos: "Dernièrement encore un jeune empereur, aussi passionné pour les arts de la paix que son père l'était pour ceux de la guerre, un jeune empereur qui assiste aux séances d'ouverture de tous les cours de son Université, qui encourage personnellement tous les savants, tous les littérateurs, tous les artistes de ses Etats, le jeune Empereur du Brésil, Don Pedro II, beau-frère de notre si

populaire prince de Joinville, nous faisait écrire qu'il portait le plus vif intérêt à nos travaux, qu'ils les suivait assidûment et qu'il se proposait de nous offrir prochainement un gage de sa sollicitude et de ses sympathies" (21).

Finalmente, o seu empenho em ligar o Brasil ao Instituto teve a melhor repercussão possível, pois, após a exoneração de Monglave, a Agremiação mantém essa simpatia pelo Brasil durante alguns anos. Outros brasileiros ainda são admitidos e referências ao nosso país aparecem até por volta de 1855 nas atas das sessões e no *Investigateur*, revista da Sociedade (22).

\* \* \*

O fim de Monglave não parece tão melancólico quanto fez crer o sr. Otávio Tarquínio de Sousa. De fato, ao deixar o Instituto Histórico, ensinava ele já a algum tempo no Instituto de Surdos-Mudos de Paris. Atacado sem tréguas pelos seus inimigos, vai abandonando pouco a pouco o Instituto Histórico, para ocupar-se das referidas lições. Aos 25 de junho de 1846, depois de uma ausência de vários meses, deixou de fazer parte do Instituto. Já em 30 de dezembro de 1842, a Sociedade pensava em substituí-lo, pois que "ses fonctions actuelles (professor do Instituto de Surdos-Mudos) l'empêchaient d'assister aux séances" (23).

Que causas teriam levado Monglave a lecionar num Instituto de Surdos-Mudos?

Em parte, talvez, compelido por necessidades econômicas, pois Monglave fizera do Instituto uma profissão e era retribuído por ele. Enquanto secretário-perpétuo residiu sempre nas mesmas dependências da Sociedade. Sabe-se que, inicialmente, o Instituto Histórico instalou-se com larguezas num imóvel da rua des Saints-Pères e que o apartamento ocupado por Monglave era luxuoso. Dois anos mais tarde, o Instituto já se havia mudado quatro vezes, reduzindo-se a 1/5 o aluguel inicial e, portanto, suas instalações. Estas dificuldades econômicas foram uma das principais causas das questões surgidas entre sócios e Monglave. Em janeiro de 1840, a Agremiação, premida pelas dívidas, reduziu os honorários do secretário-perpétuo de 3.000 francos para 1.200, conservando-lhe, porém, o apartamento. Logo mais, em maio do mesmo ano, suas funções foram consideravelmente reduzidas no Instituto, conforme já se pretendia desde

(21) *Idem*, t. V, II série, p. 208/209.

(22) Sobre os Brasileiros no Instituto Histórico de Paris, ver nosso trabalho publicado na Revista Trimestral do IHGB, 1966, primeiro trimestre.

(23) Paul Deslândres, *op. cit.*, p. 323.

1836. As funções de tesoureiro foram atribuídas a um professor de história, Angel Renzi, e Monglave ficou apenas como redator-chefe da revista. Reagiu êle o quanto pôde contra essas decisões, mas acabou sendo obrigado a aceitá-las...

Necessidades econômicas acrescidas do desgosto de se ver limitado dentro do Instituto Histórico, levaram-no com certeza a procurar outros meios de vida. Conforme diz com justeza Paul Deslandres "sans doute il ne put facilement se résigner à n'être plus rien là où il avait été tout" (24).

A informação de Paul Deslandres de que Monglave ocupou-se de história até a sua morte (1873), contesta a hipótese de um fim inteiramente obscuro levantada por Otávio Tarquínio de Sousa. Apóia-se êste numa carta de Meneses Drummond, escrita em 1861: "...meu amigo e compadre Monglave, infatigável trabalhador, não sei que fim levou; consta-me que ainda vive, mas ninguém me diz onde se acha. Paris é tão grande que não é coisa fácil ir atinar com o ninho de um escritor de segunda ordem, já fora da moda" (25).

Com efeito, embora dirigindo o Instituto Histórico, Monglave nunca abandonou o jornalismo. Em 1837, fundara um novo jornal, *L'Armée*, do qual a Biblioteca Nacional de Paris possui 4 volumes. Em 1857, tentou pela terceira vez reanimar seu primeiro sucesso jornalístico, *Le Diable Boiteux*, sem o conseguir porém. Depois disto, colaborou ainda em outro jornal de história, *Le Biographe et l'historien* e a Biblioteca Nacional de Paris possui um trabalho seu publicado nesse jornal: *Notice biographique sur Dom Gil y Zarazate, poète distingué*. Em 1861, ainda, publica uma obra de história, *Le Comte de Cavour*.

O que parece certo é que as relações de Monglave com o Brasil esfriaram e a questão com a qual o sr. Otávio Tarquínio de Sousa termina seu trabalho está ainda por resolver: "Esqueceu (Monglave) o Brasil ou êste o esqueceu?"

---

(24) V. nota anterior.

(25) Otávio Tarquínio de Sousa, *op. cit.*, p. 118.